

**CORPOS DISSIDENTES, MEMÓRIAS ENCANTADAS E DECOLONIALIDADE:
PRÁTICAS ARTÍSTICAS E FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS NO EXTREMO
NORTE BRASILEIRO**

Marcelo dos Santos Brandão Júnior¹
Universidade Federal do Amapá
Indique com sim ou não
Associado/a/e ANPAP: Não

Abel Monteiro dos Santos Silva II²
Universidade Federal do Amapá
Indique com sim ou não
Associado/a/e ANPAP: Não

Gabriel Imbiriba Santos³
Universidade Federal do Amapá
Indique com sim ou não
Associado/a/e ANPAP: Não

Fábio Wosniak⁴
Universidade Federal do Amapá
Indique com sim ou não
Associado/a/e ANPAP: Sim

RESUMO

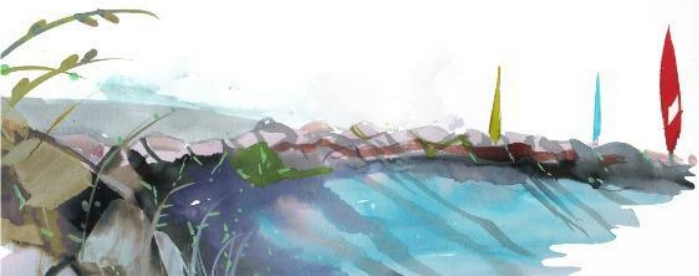
Este ensaio investiga como práticas artísticas decoloniais, desenvolvidas em três projetos de Iniciação Científica na Amazônia, reconfiguram a formação inicial em Artes Visuais. A pesquisa adota uma metodologia que articula criação artística e referenciais teóricos decoloniais, valorizando processos participativos ancorados na ancestralidade amazônica e na criatividade coletiva. Os resultados mostram que a arte-educação dissidente e a abordagem das Encanterias desestabilizam hierarquias entre teoria e prática, instaurando

¹ Marcelo Júnior é graduando em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Foi bolsista de monitoria em 2024 e atualmente é bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID). Participa como bolsista voluntário na revista Encanterias (UNIFAP), contribuindo com produções editoriais. Desenvolve trabalhos autorais sob o nome artístico Blumavi, explorando linguagens visuais contemporâneas.
<http://lattes.cnpq.br/3616412291750544>

² Abel Monteiro é discente do curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atualmente é bolsista de Iniciação Científica na UNIFAP e participa do grupo de pesquisa da revista Encanterias. <https://lattes.cnpq.br/523513642533237>

³ Gabriel Imbiriba licenciando no curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Amapá, bolsista de Iniciação Científica - CNPq UNIFAP. <http://lattes.cnpq.br/2440212991965703>

⁴ Fábio Wosniak é doutor em Artes Visuais pela UDESC (2019). Professor efetivo do curso de Artes Visuais da UNIFAP (Macapá) e docente permanente do PPCULT/UNIFAP, colaborador no PROFArtes/URCA. Coordena o projeto de extensão “Encanterias” e o LABPOD, lidera o GEPDAV (CNPq/UNIFAP), atua como editor-gerente da Revista Encanterias e exerce a primeira secretaria da ANPAP.
<http://lattes.cnpq.br/6525393533253057>



narrativas emancipadoras e inclusivas que enfrentam a colonialidade no campo artístico-educacional.

PALAVRAS-CHAVE

Corpos dissidentes. Decolonialidade. Memória. Arte/educação dissidente. Amazônia.

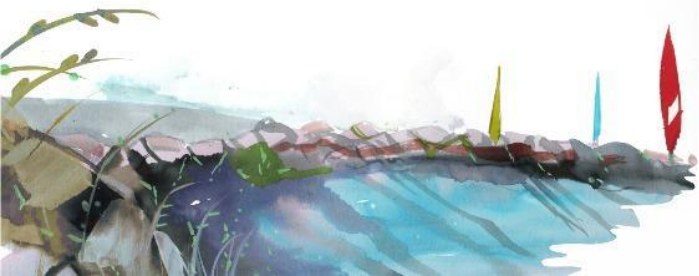


Imagem 1. Da esquerda para Direita: Marcelo Júnior. Lazer, Arte Digital, 2025. Abel Monteiro. Cócoras, Nanquim sobre papel, 2025. Gabriel Imbiriba. Bate-pedras, Tinta Natural sobre Canson, 2025.

1. Introdução

No Brasil contemporâneo, disparidades sociais e violências estruturais atingem com especial intensidade corpos e saberes dissidentes, sobretudo na Amazônia. De acordo com o Atlas da Violência 2023 (IPEA/FBSP), o Acre registrou a maior taxa de homicídios do país, com 63,2 mortes por 100 mil habitantes, seguido pelo Amazonas, com 46,2 — ambos muito acima da média nacional de 23,4. Corroborando esse cenário, o mais recente Dossiê de Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), confirma que o Brasil segue liderando o ranking mundial de assassinatos de pessoas trans. Esses dados evidenciam a urgência de práticas artístico-pedagógicas decoloniais capazes de enfrentar tais violências e reconfigurar a formação em Artes Visuais.

Embora a arte/educação decolonial venha ganhando destaque, sua produção acadêmica permanece concentrada em contextos urbanos do Sudeste e do Sul, relegando experiências amazônicas a segundo plano. Revisões como as de Barbosa (2019) e Moura (2019) alertam para essa assimetria regional. Ao focalizar três iniciativas de Iniciação Científica no extremo norte do país, esta pesquisa busca preencher tal lacuna, oferecendo um olhar situado sobre os desafios e as potências das práticas artísticas decoloniais na Amazônia.



O campo das Artes Visuais na região é atravessado por paradigmas normativos de gênero, etnia, corporeidade e conhecimento (Preciado, 2014; Quijano, 2005; Mignolo, 2008). Esses paradigmas são tensionados por práticas educativas criativas que emergem no “Laboratório de Experimentações em Poéticas Dissidentes (LABPOD)”, coordenado pelo professor Dr. Fábio Wosniak. Ancorada na crítica à colonialidade do poder, do conhecimento e do ser (Quijano, 2005; Maldonado-Torres, 2022; Mignolo, 2008) e na abordagem artístico-pedagógica das Encanterias (Wosniak, 2023; Wosniak, 2024), a equipe do LABPOD — formada por Marcelo Júnior, Abel Monteiro e Gabriel Imbiriba — integra teoria crítica e prática artística para desestabilizar paradigmas opressivos e valorizar corpos, narrativas e saberes historicamente silenciados.

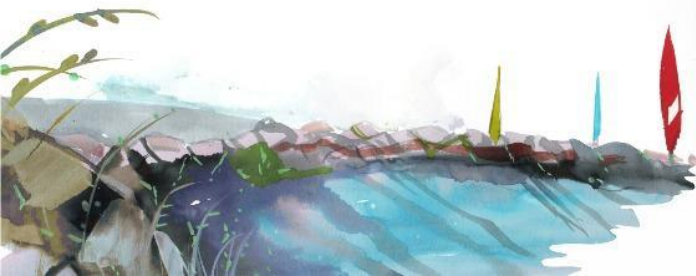
Diante desse contexto, a pesquisa indaga como experiências artísticas com corpos dissidentes, inspiradas em referências amazônicas e nas Encanterias, tensionam a formação em Artes Visuais na Amazônia? Busca compreender práticas decoloniais que contestam paradigmas, ampliando a representação de corpos dissidentes, memórias ancestrais e saberes subalternizados. Propõe: mapear referências estéticas de artistas amazônidas que tratam dissidências corporais e de gênero; experimentar materiais e técnicas sustentáveis; realizar oficinas em escolas e comunidades, medindo impactos; e criar um arquivo digital de corpos e memórias dissidentes.

2. Encanterias e Arte/Educação dissidente: bússolas teórico-práticas.

A arte/educação dissidente é um campo que desafia normas históricas das artes visuais e da formação tradicional, fundamentando-se em referências críticas e decoloniais. Visa ampliar repertórios, contestar padrões eurocêntricos e dar visibilidade a práticas e corpos marginalizados. Atuando como resistência e promovendo mudanças sociais, propõe trajetórias pedagógicas que valorizam a diversidade e permitem subjetividades plurais, superando o paradigma ocidental hegemônico (Silva; Wosniak, 2024).

Um dos eixos centrais da arte/educação dissidente é a reivindicação do corpo como território de disputa política, estética e epistemológica. Essa abordagem rompe com reduções identitárias e questiona normas de gênero, raça e classe. Inspirada em autores como Preciado (2014) e hooks (2017), defende que a arte dissidente potencializa experiências educativas críticas, confrontando estruturas de poder e colonialidade. O fazer artístico, assim, supera o produto visual e torna-se processo vivencial, articulando saberes, afetos e lutas cotidianas, contribuindo para reconfigurar subjetividades e modos de existir.

No contexto amazônico, a abordagem das Encanterias desponta como proposta estético-artístico-pedagógica de ressonância decolonial. Inspirada por cosmologias, oralidades e ritualísticas regionais, as Encanterias desafiam a lógica hegemônica ocidental ao valorizar uma pedagogia sensível às experiências encarnadas do território, reconhecendo as inter-relações entre corporeidade, ancestralidade, natureza e saber. Como destacado por Wosniak (2023, 2024), essa proposta enfatiza



práticas colaborativas, coletivas e de baixo impacto ambiental, ressignificando materiais e abrindo espaço para linguagens híbridas que articulam tradição e contemporaneidade. As Encanterias evidenciam, assim, o potencial educativo da arte como mediadora de transgressões e reconstruções de sentidos.

Ao inserir-se na tradição das Encanterias, a arte/educação dissidente aproxima saberes acadêmicos e comunitários, promovendo horizontes de desierarquização do conhecimento. Oficinas, laboratórios e experimentações promovem a circulação de memórias e experiências antes silenciadas, potencializando metodologias baseadas no diálogo, escuta e partilha. Essa articulação contesta hierarquias entre teoria e prática, valorizando processos participativos que remetem à ancestralidade amazônica e à criatividade coletiva. Desse modo, tanto a arte/educação dissidente quanto a abordagem das Encanterias consolidam iniciativas ético-políticas que enfrentam a colonialidade na formação em artes visuais, instaurando possibilidades para narrativas emancipadoras e inclusivas.

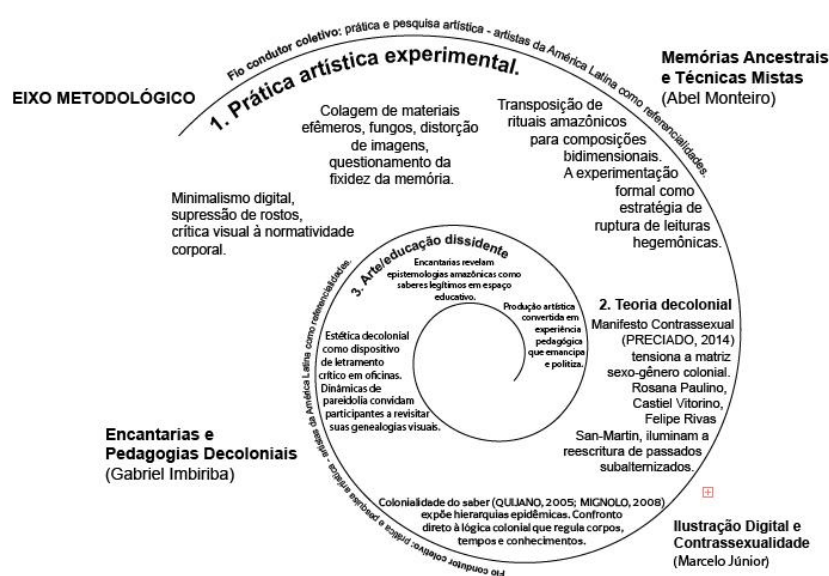
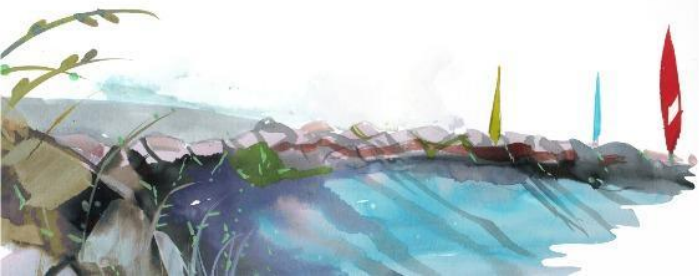


Imagem 2. Estrutura metodológica. Design: Marcelo Júnior, 2025.

3. Metodologias

A investigação baseia-se em três eixos metodológicos complementares — prática artística experimental, teoria decolonial e arte/educação dissidente — articulando criação, reflexão crítica e ação pedagógica. Cada subprojeto aprofunda um desses eixos, mas todos dialogam entre si. Todos enfrentam aspectos da violência estrutural colonial, mostrando como a arte desestabiliza estereótipos e legitima saberes invisibilizados. Criação artística, reflexão teórica e devolutiva pedagógica se retroalimentam em espiral, enriquecendo e conectando os trabalhos de Marcelo, Abel e Gabriel de forma contínua.



Os subprojetos também recorrem a instrumentos comuns de coleta e análise — autoetnografias artísticas, registros fotográficos e videográficos e relatos escritos de participantes — o que possibilita triangulação sem sacrificar a singularidade de cada linguagem visual. Por fim, todos convergem no propósito pedagógico de traduzir a experiência estética em aprendizagem crítica: Marcelo focaliza gênero e corpo, Abel explora ancestralidade e temporalidade, e Gabriel evidencia cosmologias amazônicas. Desse modo, mesmo distintos em materiais e ênfases temáticas, os três subprojetos formam um corpo integrado de pesquisa capaz de oferecer um panorama coeso das discussões contemporâneas sobre arte, decolonialidade e educação na Amazônia.

4. Resultados

Os minicursos conduzidos pelos estudantes-pesquisadores, no âmbito do Projeto de Extensão Encanterias, abrangem diversos públicos: dois grupos vinculados ao CRAS – Alegria, em Macapá/AP (um de idosos e outro de adolescentes que se reúnem quinzenalmente), participantes do PET Indígena/UNIFAP e alunos de escolas públicas da região. Essas atividades têm evidenciado três eixos centrais de tensionamento na arte/educação dissidente na Amazônia.

A investigação se organiza em três eixos interconectados. No eixo da ausência e estereótipo, observou-se a escassez de referências não estereotipadas de corpos dissidentes nos materiais didáticos regionais e a persistência de resistências institucionais à pauta LGBTQIAPN+, mesmo diante de avanços na formação inicial em Artes Visuais. Ainda assim, seguimos com o diálogo, reconhecendo a arte como meio fundamental para ampliar repertórios críticos e desconstruir narrativas excludentes. O segundo eixo explora o diálogo entre técnicas tradicionais e decoloniais, utilizando tintas naturais e materiais cotidianos para ressignificar memórias individuais em conexão com coletividades ancestrais. No entanto, desafios de preservação e sustentabilidade de pigmentos naturais indicam a necessidade de aprimorar essas práticas. O terceiro eixo trata da tradução de narrativas orais para suportes visuais, evidenciando a centralidade da oralidade e ritualística. As atividades revelaram carências na formação de arte-educadores para lidar com epistemologias não ocidentais, indicando que metodologias flexíveis e sensíveis são fundamentais para acolher essas temporalidades e modos de conhecimento.

Em conjunto, os resultados indicam que a arte/educação dissidente na região amazônica exige flexibilização curricular, valorização de materiais locais e diálogos horizontais com as comunidades/instituições, tensionando a própria estrutura institucional da formação em artes visuais e reafirmando o potencial emancipador das práticas estéticas decoloniais.

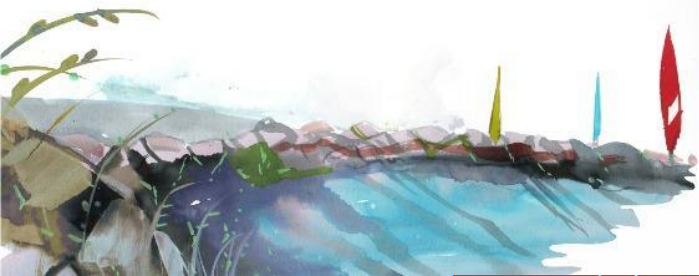


Imagem 3. Da esquerda para Direita: Marcelo Júnior. Verão, Arte Digital, 2025. Abel Monteiro. Jaci, Tinta Natural sobre Canson, 2025. Gabriel Imbiriba, Iça, Tinta Natural sobre Canson, 2025.

5. Considerações finais

As práticas artísticas analisadas demonstram que a decolonialidade na formação em Artes Visuais vai muito além de incluir temas negligenciados pela estrutura colonial/moderna de conhecimento: ela exige uma reestruturação epistemológica que abrange desde a seleção de técnicas até o diálogo efetivo com saberes não acadêmicos.

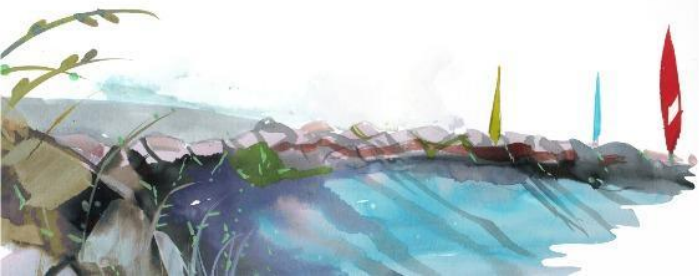
Persistem, contudo, desafios significativos: 1) A ausência de infraestrutura para viabilizar técnicas alternativas, como laboratórios destinados à produção de tintas naturais; 2) A resistência institucional a metodologias que rompem com paradigmas eurocêntricos; 3) A carência de arquivos acessíveis capazes de registrar e difundir essas experimentações.

Como horizontes possíveis, propõe-se: 1) Ampliar redes colaborativas entre universidades, escolas e mestres tradicionais; 2) Incorporar essa agenda nas políticas públicas de arte/educação; 3) Fortalecer mecanismos de documentação que assegurem a memória das práticas.

Ao reconhecer corpos e memórias silenciadas, a arte/educação dissidente se estabelece como um espaço propício para reinventar pedagogias artísticas no extremo norte do Brasil, indicando direções concretas para uma formação que seja autenticamente plural e emancipadora.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 273–282, 1989. DOI: 10.1590/S0103-40141989000300010.



BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2025.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). Atlas da violência 2023. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>

hooks, bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MOURA, E. J. S. Des/obediência docente na de/colonialidade da arte/educação na América Latina. Revista GEARTE, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92905. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92905>. Acesso em: 14 mai. 2025.

PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual. Tradução de Fernando Scheibe e Pedro Paulo Rocha. São Paulo: n-1 edições, 2014.

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf.

WOSNIAK, Fabio. Desaprender, perguntar-se, escutar: rotas para pensar uma arte educação dissidente. Palíndromo, Florianópolis, v. 15, n. 35, p. 53–73, 2023. DOI: 10.5965/2175234615352023053. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/22809>. Acesso em: 28 jan. 2024.

WOSNIAK, Fabio. Imagens dissidentes: desaprendizagens e desobediência epistêmica. In: WOSNIAK, Fabio (org.). Experiências dissidentes: pensamentos desobedientes na arte contemporânea. Macapá: UNIFAP, 2023b. (Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais.)

WOSNIAK, Fabio; SANTOS, Erlom da Silva. INVESTIGAÇÕES POÉTICAS DISSIDENTES NA COMUNIDADE AMAZÔNICA DE ANAJÁS: CONSTRUIR POTÊNCIA A PARTIR DE RITOS ANCESTRAIS. Revista Da FUNDARTE, 59(59), 2024 e1442. <https://doi.org/10.19179/rdf.v59i59.1442>.